

## A PREGUIÇA, A CULPA E O TEMPO: REFLEXÕES SOBRE O LAZER CONTEMPORÂNEO

Marco Bettine Almeida<sup>1</sup>

Universidade de São Paulo  
São Paulo - Brasil

Gustavo Luis Gutierrez<sup>2</sup>

Faculdade de Educação Física - Unicamp  
Campinas - Brasil

**RESUMO:** Este ensaio apresentará uma reflexão sobre o lazer, e as características da sociedade contemporânea, ilustrando alguns dos aspectos constitutivos da sociedade contemporânea, como a dessacralização do sagrado, os processos de racionalização de mundo e a mercantilização das relações, para desenvolver uma definição de lazer. O lazer, portanto, é uma forma de conhecer o mundo e sua característica principal é o tempo livre com divertimento, ludicidade e prazer. Esta concepção inicial será confrontada com as questões apresentadas no filme *O Cheiro do Ralo*, procurando destacar aspectos como a preguiça, a culpa e uma concepção linear de tempo. Finalmente, o texto tenta apontar as contribuições teóricas deste confronto entre o lazer, percebido no contemporâneo, e o filme em questão.

**Palavras-chave:** Lazer contemporâneo. Tempo. Preguiça. Culpa.

### LAZINESS, GUILT AND TIME: REFLECTIONS ON CONTEMPORARY LEISURE.

**ABSTRACT:** This essay will present a reflection on leisure, and the characteristics of contemporary society, illustrating some of the constitutive aspects of contemporary society, such as the desecration of the sacred, the process of rationalization of the world and the commodification of relationships, to develop a definition of leisure. The pleasure, therefore, is a way of knowing the world and its main feature is the free time with fun, playfulness and pleasure. This initial design will be confronted with the issues presented in the film *Drained*, seeking to highlight aspects such as laziness, guilt and a linear conception of time. Finally, the paper attempts to point out the theoretical contributions of this confrontation between leisure, perceived in the contemporary, and the film in question.

**Keywords:** Contemporary Leisure time. Laziness. Guilt.

### LA PEREZA, LA CULPA Y EL TIEMPO: REFLEXIONES SOBRE EL OCIO CONTEMPORÂNEO

**RESUMEN:** En este ensayo se presentará una reflexión sobre el ocio, y las características de la sociedad contemporánea, que ilustran algunos de los aspectos constitutivos de la sociedad contemporánea, como la profanación de lo sagrado, el proceso de racionalización del mundo y

---

<sup>1</sup> Professor Livre Docente da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Email: marcobettine@gmail.com

<sup>2</sup> Professor Titular da FEF-Unicamp. Email: gustavoluisgutierrez@gmail.com

de la mercantilización de las relaciones, desarrollar una definición del ocio. El placer, por lo tanto, es una forma de conocer el mundo y su principal característica es el tiempo libre con la diversión, la alegría y el placer. Este diseño inicial se enfrentará a los problemas que se presentan en la película escurrido, tratando de resaltar aspectos como la pereza, la culpa y una concepción lineal del tiempo. Por último, el trabajo intenta señalar las aportaciones teóricas de esta confrontación entre el ocio, percibida en la contemporánea, y la película en cuestión.

**Palabras-clave:** El tiempo de ocio contemporáneo. La pereza. La culpa.

## Introdução

Está relativamente presente, no campo de pesquisa em ciências humanas, o diálogo com diferentes manifestações artísticas, como a literatura, as artes plásticas ou o teatro. No caso específico das produções cinematográficas existem exemplos importantes, como o diálogo entre *Blade Runner: o caçador de andróides* (1982) e os pesquisadores que trabalham as questões da pós-modernidade, ou ainda o primeiro filme da trilogia *Matrix* (1999) e a discussão de conceitos da filosofia, como idealismo e realidade.

Este texto buscará apresentar uma reflexão sobre o lazer, e as características da sociedade contemporânea, tendo como interlocutor o filme brasileiro *O cheiro do ralo*, produção de 2007, dirigida pelo diretor Heitor Dhalia, com roteiro escrito pelo próprio diretor e Marçal Aquino, baseado no romance homônimo de Lourenço Mutarelli e tendo como ator principal Selton Mello. O texto ilustra alguns dos aspectos constitutivos da sociedade contemporânea, como a dessacralização do sagrado, os processos de racionalização de mundo e a mercantilização das relações, para desenvolver uma definição de lazer. Esta concepção inicial será confrontada com as questões apresentadas pelo filme, procurando destacar aspectos como a preguiça, a culpa e uma concepção linear de tempo. Finalmente, o texto tenta apontar as contribuições teóricas deste confronto entre o lazer, percebido no contemporâneo, e o filme em questão.

## Formação cultural da sociedade e contemporaneidade

A sociedade contemporânea, ou pelo menos a sociedade ocidental industrializada herdeira da tradição judaico-cristã, na qual nos inserimos, apresenta-se, segundo a tradição weberiana da “ética protestante e o espírito do capitalismo” (WEBER, 1987), ainda em grande parte como resultado de três movimentos históricos distintos: (a) a dessacralização do mundo, (b) a racionalização do cotidiano e (c) a universalização do mercado.

O processo de dessacralização do mundo, caracterizado pelo início do desenvolvimento científico através do trabalho de cientistas como Galileu, Copérnico, Descartes, Newton e Darwin, leva à crise da visão mágica da humanidade, com o conseqüente esvaziamento da dimensão mística e a deslegitimação das abordagens

explicativas de mundo que não incorporam, na sua origem, uma base científica, ou pelo menos uma caricatura de ciência que consiga cumprir, da mesma forma, o necessário papel legitimador (HABERMAS, 1987). Este processo incorpora, por um lado, uma dimensão muito concreta no campo econômico, ilustrada pela transferência de propriedade e riqueza da igreja para o estado e a sua subordinação a uma lógica política e, por outro lado, uma forte dimensão simbólica já que a diminuição da importância do caráter sagrado leva à generalização de um sentimento de perda de sentido com relação ao mundo que nos rodeia, e ao papel do ser humano nesse mundo.

Este cenário de dessacralização do sagrado abre as portas para racionalização do mundo, na perspectiva apontada por Max Weber e desenvolvida posteriormente por pensadores da Escola de Frankfurt, como Adorno e Horkheimer (1986), mais recentemente, Habermas (1987). Trata-se de passar a perceber a vida desde uma perspectiva utilitarista, onde o processo de tomada de decisões decorre de uso da razão instrumental, ou do agir racional com respeito a fins, resumindo a dimensão humana a um simples cálculo de prejuízos e ressarcimentos. Há diferenças na concepção mais específica de racionalidade entre cada um dos autores apontados, destacando a abordagem de Habermas a partir de sua obra Teoria da Ação Comunicativa, onde é incorporada a questão da linguagem e o cálculo egocêntrico da busca, por parte do sujeito da ação, para obter um comportamento útil nos demais participantes da interação social. Mas podemos perceber um consenso, entre os autores, no sentido da presença do processo de racionalização no cotidiano.

A racionalização do mundo reforça aspectos da dessacralização, no sentido de uma sensação de desencantamento, perda da dimensão mágica e a busca de processos de tomada de decisões independentes de inconsistências lógicas. Uma decorrência deste processo, reforçada pela urbanização crescente das sociedades modernas, é a diminuição da importância da vida comunitária na sociedade como um todo, já que grande parte dela decorria justamente de celebrações vinculadas à religião, à tradição ou ao folclore (HABERMAS, 1987).

A este contexto de dessacralização de mundo e racionalização do cotidiano é preciso incorporar a expansão dos mercados e a mercantilização da sociedade e das relações sociais (WEBER, 1987). Este processo de mercantilização ocorre relacionado com a dessacralização e a racionalização ou, em outras palavras, ele só é possível porque os outros dois também se manifestam e se generalizam na sociedade, levando às características típicas da contemporaneidade. O aprofundamento e a constante expansão do mercado relacionam-se com o desenvolvimento de inovações tecnológicas, típicas da evolução do capitalismo, num contexto onde as relações entre as pessoas passam a ser cada vez mais mediadas pelo poder econômico e a institucionalização da norma jurídica.

A percepção do momento contemporâneo é sempre bastante complexa, em função tanto da impossibilidade de um afastamento temporal, como também pelo fato de

que nem sempre o referencial de pesquisa que dá conta dos momentos anteriores pode, eventualmente, ser adequado para compreender o que se segue.

Não se trata aqui de procurar dialogar com o conjunto de pensadores intitulados pós-modernos, de resto bastante heterogêneos, mas apenas apontar para o fato das tendências fundadoras da modernidade, conforme apontadas antes, parecem sofrer um processo de transformação, ou renovação, na sociedade atual. Por exemplo, nos limites de um estado que se considera laico, pode-se perceber a presença renovada de sentimentos religiosos, místicos ou simplesmente supersticiosos, num movimento que pode ser classificado de reencantamento de mundo. Nesta mesma linha de raciocínio, a falência da vida comunitária e do conseqüente sentimento de pertencimento a uma identidade coletiva compartilhada pode estar por trás da expansão de diferentes percepções fundamentalistas de mundo, de natureza religiosa, regional ou étnica, ou até mesmo em manifestações sociais de violências vinculadas a símbolos esportivos como expressam as brigas de torcedores de diferentes esportes, em vários lugares do mundo industrializado.

Outro aspecto que se apresenta como uma marca importante da atualidade é a busca da igualdade de direitos respeitando a diversidade de papéis e comportamentos. Grande número de grupos de pessoas se percebe, e exige politicamente serem percebidos, a partir de uma identidade específica e diferenciada, seja em função de questões étnicas, culturais, religiosas, regionais por condições especiais de corporeidade ou ainda por opções sexuais e estéticas. Cada exemplo desta diversidade pressupõe um tratamento diferenciado com relação aos seus direitos políticos e sociais, de forma a atingir a desejada igualdade entre todos eles. Na prática, em função da distribuição desigual de oportunidades de vida que caracteriza o capitalismo desenvolvido, e pelas lutas internas a cada grupo entre as lideranças e o coletivo na busca de recompensas materiais e simbólicas, o resultado pode ser paradoxal, tornando a situação final mais desigual, e, portanto mais injusta, do que a criticada igualdade inicial pura e simples. Uma das conseqüências deste panorama é o protagonismo do judiciário como instância última de solução de conflitos.

O lazer, enquanto objeto de pesquisa, caracteriza-se pela busca do prazer, que não necessariamente se realiza, compreendendo uma dimensão subjetiva e, ao mesmo tempo, uma dimensão social, decorrente das características do sujeito da ação, inserido no contexto mais amplo das relações econômicas e de realização de lucro, ou mais valia dependendo do referencial teórico adotado, que caracteriza o mercado concorrencial. Neste sentido, o lazer se constitui enquanto uma mercadoria disponível no mercado específico de produtos e serviços e, portanto, como parte de uma equação onde se articulam três elementos: o lucro, a possibilidade de expansão e a visibilidade. Ou seja, quanto maior o potencial de gerar lucro da atividade de lazer, maior será a expansão da sua presença no mercado e maior será a sua visibilidade no contexto social mais amplo. A mesma lógica vale no sentido inverso, manifestações de lazer tradicionais,

comunitárias ou folclóricas, com pouco potencial para gerar lucros, tendem a se expandirem menos e a ocupar pouco espaço nos meios de comunicação de massas e na indústria cultural.

O lazer, subordinado a uma lógica de mercado, apresenta-se integrado e complementar. Isto significa dizer que hoje o lazer tende a se integrar com outros ramos da atividade econômica no sentido de surgir como elemento complementar que permite benefícios extras e diferenciação no mercado. Assim, desde a venda de moradias, produtos culturais, propostas no campo da saúde e atividade física, até o próprio ato de consumir, surgem associados ao lazer. Não se trata simplesmente de morar, fazer exercícios ou consumir, trata-se de perceber essas dimensões como espaço de ludicidade também.

### **A preguiça, a culpa e o tempo linear**

O lazer contemporâneo, e sua dimensão de mercadoria, permite pensar algumas de suas características. O processo de mercantilização das relações pressupõe a moeda como meio e medida de todas as coisas. Neste sentido, o trabalho e suas características de esforço, dedicação e muitas vezes sofrimento, aparece como o caminho, por excelência, para obter moeda no mercado. Uma concepção de mundo fundamentada na dicotomia lazer/trabalho, muitas vezes reforçada inclusive desde a perspectiva crítica, pode levar o sujeito social a aceitar a relação inversa como verdadeira, ou seja, se o trabalho que fornece a moeda significa esforço, o lazer que pode ser comprado no mercado com a moeda, não deve exigir esforço nenhum, trata-se de simples e raso deleite.

Esta afirmação pode até ser verdadeira para algumas manifestações do lazer, como, por exemplo, da indústria cultural, mas com certeza não abrange todo seu universo. Um exemplo que pode ajudar a ilustrar esta limitação é o torcedor de um time de futebol. O investimento de esforço e concentração que o torcedor faz para acompanhar seu time é enorme e transcende, em muito, o simples dispêndio financeiro. Ele precisa estar continuamente informando-se, deve conhecer grande parte dos personagens não só de seu clube, mas também dos clubes adversários, juízes, dirigentes, confederações, além de dominar as regras e estar familiarizado com a legislação vigente. Ele não tem descanso!

Parece uma tarefa hercúlea, ou sádica, exigir de alguém que não se interessa pelo esporte viver uma única semana como torcedor.

Lazer, esforço e sofrimento andam muitas vezes juntos, inclusive porque é comum que questões que geram grandes desgostos tenham, paradoxalmente, a capacidade de gerar também grandes satisfações. Lembremos um pouco do Freud (2010) no livro "Mal estar na Cultura" (ou em algumas traduções "Mal estar na civilização"), que se refere à vida humana pelo princípio do prazer, afirmando que ele está em conflito com

o mundo inteiro. A sensação de prazer é episódica e logo nos traz o desprazer, pelo fato de acabar o próprio prazer, este é o paradoxo.

O lazer, percebido exclusivamente como mercadoria, escamoteia as características de esforço e dedicação, limitando a possibilidade que o lazer oferece de se tornar um elemento de crescimento do autoconhecimento e de uma percepção pessoal mais madura. O lazer como mercadoria torna-se num elemento que reforça a alienação e o estranhamento do sujeito no seu contexto de relações sociais.

A sociedade contemporânea, pelo menos a da tradição ocidental judaico cristã, reforça um sentimento de culpa em seu seio, que foi interpretado de diferentes maneiras por autores como Nietzsche (1992) e Freud (2010). Este sentimento de culpa associado ao lazer pode ser visto, num primeiro momento, como uma reação à sociedade do trabalho. Se o trabalho enobrece o homem, o lazer, com sua característica de ociosidade, pode exercer um efeito contrário.

Focando mais especificamente Freud (2010), se o lazer é a busca do prazer, ele pode ser a busca de sentimentos complexos e socialmente ambíguos. A busca de Eros não é totalmente liberada na sociedade, mas deve ser controlada tanto pela lei como pelos tabus, ou valores, inculcados a partir da religião e do costume. Com Tanatos a questão é mais séria ainda, já que há um consenso sobre a condenação da violência e da busca da morte, embora a sociedade, como exemplifica a indústria cultural, seja absolutamente fascinada por elas.

A sociedade contemporânea vai trabalhar todas estas questões dentro de uma concepção de passagem do tempo bastante específica. As sociedades, em termos históricos e de uma forma geral, tem adotado uma concepção circular da passagem do tempo, inspirada nos seres vivos onde tudo segue um ciclo de nascimento, infância, juventude, amadurecimento, envelhecimento e morte, ou ainda na própria natureza e o passar das estações com seus momentos de plantar, germinar, florescer, frutificar e colher. Na sociedade atual o tempo passa a ser percebido de forma linear, como se fosse possível estabilizá-lo numa juventude ideal e eterna. Isto só é possível escondendo o contato com a morte inevitável através de instituições específicas. O morto, ou o seu corpo, não mais pertencem à família ou à comunidade diretamente envolvida com ele, mas é apropriado por uma engrenagem de organizações burocráticas. A consciência da morte pode ilustrar a efemeridade do consumo e dos bens materiais, frente a valores e experiências que não podem ser mediadas pelo mercado. A ignorância da morte, com a generalização de uma percepção linear, e, portanto infinita do tempo, no sentido oposto, reforça a mercantilização da vida.

## O Cheiro do Ralo

Embora as referências geográficas e temporais não sejam marcantes, percebe-se que o ambiente do filme é a cidade de São Paulo, num período relativamente recente. A

trama evolui ao redor de um personagem, Lourenço, que vive da compra de objetos usados de pessoas que enfrentam dificuldades financeiras, procurando pagar sempre o menor valor possível, utilizando a situação de poder para impor cenas vexatórias e humilhantes. Durante todo o filme o comprador de objetos é torturado pelo mau cheiro exalado pelo ralo do banheiro, presente no título e identificado com a própria natureza do personagem principal, porque só ele usa o banheiro, ou ainda com a natureza de sua atividade profissional.

O filme causa uma sensação paradoxal de estranhamento e identidade, reforçada pelo recurso de subtrair do ambiente grande parte das referências mais comuns no cotidiano das pessoas, para ao mesmo tempo exacerbar características pontuais importantes. É um filme que incentiva interpretações em função de sua dimensão simbólica e evidente vocação para apresentar uma analogia com a realidade contemporânea. As interpretações mais comuns do filme parecem partir de uma leitura marxista, na qual o comerciante é mau e explorador dos funcionários e vendedores, pessoas humildes e boas, premidas pela necessidade de uma sociedade injusta e vítimas da violência de quem dispõe de recursos financeiros.

O personagem principal, Lourenço, começa com uma crise emocional na qual desiste do casamento, com data marcada e os convites na gráfica para, gradativamente, sentir-se mais angustiado e oprimido pela realidade em que se encontra. Neste processo, a relação com as pessoas que vão ao seu negócio para vender os produtos torna-se mais tensa e agressiva, ao mesmo tempo em que ele tem de lidar com o fedor do ralo que o atormenta. Um aspecto que não fica muito evidente no filme é que, além de ter mais dinheiro que todos os outros personagens, parece também ter mais formação intelectual.

O cartaz de divulgação do filme apresenta Lourenço segurando um olho artificial na mão, como se estivesse mostrando o ambiente ao olho. O vendedor convence-o a comprar o olho artificial com o argumento de que - este olho já viu tudo, ao que Lourenço responde - não, ele ainda não viu tudo não. Na verdade, a aquisição do olho parece transcender a posse do simples objeto material para transformar-se na posse das situações por ele presenciadas, como se fossem suas vivências e experiências. Pode simbolizar, assim, a dimensão preguiçosa do lazer, onde a posse do objeto traz consigo atributos que só com esforço poderiam ser obtidos. A chuteira patrocinada pelo craque, o carro veloz com um motor da marca vencedora de corridas, ou a roupa de grife substituem o talento e a disciplina para treinar, a real habilidade ao volante ou a elegância de um corpo equilibrado e definido. A confusão entre a posse do objeto e a vivência da experiência lúdica pode ocorrer entre intelectuais também. Não é raro um diálogo do tipo - você leu o novo livro de fulano? Ao que o interlocutor responde - não, mas já comprei o livro. É curioso constatar que ninguém responde a esta pergunta com uma frase do tipo - não, mas eu já peguei o número de tombo dele na biblioteca. A posse parece ser algo mais forte do que simples disponibilidade de acesso ao objeto.

A concepção de que o lazer é determinado pela posse, ou ainda uma percepção preguiçosa do lazer, atravessa quase todo o filme, já que o interesse de Lourenço está muito mais nas histórias dos objetos do que nos objetos em si. A posse do olho pressupõe, para ele, a posse das vivências que esse objeto presenciou, como se ele mesmo as tivesse vivido e, nesse sentido, poder dar continuidade ao processo. A concepção de que a posse pode encerrar, em si mesma, toda a experiência lúdica, ou de busca do prazer, surge também na sua obsessão pela “bunda” da garçonete, que ele procura comprar e que protagoniza uma das cenas mais curiosas do cinema recente, quando ele chora copiosamente abraçado a ela.

A redução do lazer à posse, contudo, é a analogia mais fácil que o filme apresenta. Com relação à questão da culpa, por exemplo, é possível uma abordagem mais original. O poder decorrente da possibilidade de adquirir, ou não, o objeto do vendedor, proporciona a Lourenço momentos de puro deleite, onde ele pode destilar todo seu humor sádico. Desde a recusa em comprar vários livros pesados apenas para obrigar o sujeito a voltar para casa de ônibus com eles, até a compra de uma caixinha de música que toca *Pour Elise*, e que segundo o vendedor é o último objeto que o faz lembrar da sua mãe (agora você só vai lembrar da tua mãe quando passar o caminhão do gás, diz Lourenço ao se despedir), o personagem diverte-se sem escrúpulos, seja em função de um código moral, ou por um exercício de alteridade onde ele se identificaria com o papel do outro. A inexistência da culpa permite-lhe, inclusive, sorrir um velho que tentava vender-lhe alguma coisa, apenas por que teve vontade. Se Lourenço não tem grandes problemas com Tanatos, tampouco parece ter problemas com Eros, desde que não exista a possibilidade de compromisso, marcado pelas cenas dramáticas da ex-noiva e o processo de ruptura. Ele representa um personagem que, frente à possibilidade da diversão inerente ao escárnio, transcendeu qualquer concepção de culpa. Inclusive porque a própria humilhação cumpre uma função no processo de tentar pagar menos pelos objetos. Ele se diverte humilhando e utilizando sexualmente os outros, passando a impressão de que, no fundo, ele está convencido que eles merecem ser punidos pelo simples fato de estarem numa situação subalterna.

Com relação à passagem do tempo, ela é percebida, fundamentalmente, pela rotina. A repetição do trajeto entre o apartamento e o local de trabalho, o almoço na lanchonete, o repouso noturno, são elementos que apontam para uma concepção de tempo permanente e imutável, sem origem e sem final. Convém destacar o entorno urbano em que a trama se desenvolve. Temos aqui tudo o que a cidade grande pode oferecer de ruim para as práticas de lazer, com um ambiente degradado, sujo e impessoal, onde se destaca o minúsculo e escuro apartamento do personagem central.

Finalmente, sempre é possível fazer uma inversão de tipo nietszcheano (NIETZSCHE, 1992) valorizando a raposa e condenando as galinhas, para variar. Lourenço é o personagem forte do filme, ele tem dinheiro, um trabalho e propriedades. Exerce sua profissão enfrentando tipos estranhos, confusos e derrotados pela vida. A



sugestão de um desses personagens, de que o cheiro do ralo é o cheiro do próprio Lourenço e de sua atividade comercial pode ser contraposta ao universo decadente que o próprio filme apresenta. Neste sentido, o cheiro do ralo seria o cheiro da própria humanidade, decadente e fraca, frente ao único personagem com um pouco de galhardia. O fato de ele ser atacado pelo conjunto de vendedores fracassados e, finalmente, assassinado pela dependente química, apenas reforçam a imagem nietszcheana da ditadura dos medíocres.

### Considerações Finais

Parte do desafio em pensar o lazer na contemporaneidade está, precisamente, em tentar compreender o contemporâneo, um momento marcado pelo intenso desenvolvimento tecnológico e movimentos políticos surpreendentes.

Num mundo que se origina nas revoluções industrial e francesa, e que leva ao limite suas características de desencantamento, racionalização e generalização das relações mediadas pelo mercado, o lazer surge como um objeto de pesquisa que abre muitas possibilidades de aproximação. A reflexão aqui proposta, a partir do filme, constitui mais uma delas e pretende apenas ilustrar esta riqueza de enfoques, aproveitando um produto cultural particularmente instigante.

O objeto lazer entrelaça desde a dimensão subjetiva de percepção do prazer, até o mercado e a cultura. A análise do filme permite pensar um pouco sobre características do lazer contemporâneo que nem sempre estão presentes nas abordagens. Neste texto destacamos (a) a preguiça, compreendida como a substituição do esforço inerente e necessário para usufruir o lazer pela simples disponibilidade de recursos financeiros, (b) a culpa, seja na perspectiva da sociedade do trabalho onde o ócio é associado a coisas ruins, ou ainda na perspectiva dos tabus e valores religiosos que procuram reprimir o prazer, ou mesmo a expectativa de prazer, que existe no lazer e (c) o tempo linear, como um tempo sem início e sem fim, de uma eterna juventude garantida pelo acesso ao mercado.

### REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. 2 ed. Tradução: Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

FREUD, Sigmund. **Mal Estar na cultura**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la Acion comunicativa**. Versión Castellana de Manoel Jemenez Redondo. Madri: Taurus Tomo I e Tomo II, 1987.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução, notas e Pós-fácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

WEBER, Max. **A Ética protestante e o espírito do capitalismo**. 5 ed. São Paulo: Pioneira, 1987.

### Endereço para correspondência

Prof. Marco Bettine  
Escola de Artes, Ciências e Humanidades - Universidade São Paulo  
Av. Arlindo Béttio, 1000 Ermelino Matarazzo, São Paulo SP  
CEP: 03828-000  
Informações: (11) 2648-0067

Gustavo Luis Gutierrez  
Al. Alemanha 170, cond. Euroville, Granja Viana, Carapicuíba, SP  
CEP: 06355-465

**Recebido em:**

22/07/2014

**Aprovado em:**

16/11/2014